

21-06-2021

## GRANDES CRIMES CONTRA OS

## DIREITOS HUMANOS

## Rosângela Gaze

[Médica sanitária. Professora do Instituto de Estudos de Saúde Coletiva/UFRJ]

É muito estranho resguardar 'sigilo' dos Crimes do Estado contra os Direitos Humanos. Concorde com Isaías Conde, aqui da Opinião, que não se pode esquecê-los. Inclusive, porque apesar do impacto social no momento da ocorrência, parecem esvaír-se da memória coletiva como escritos na areia. E costumam ser repetidos... Da série "Os Grandes Crimes Não Devemos Esquecer", apresento uma síntese dos crimes publicados no livro "Boletim Informativo - A História de uma Luta" disponível no Blog Multiplicadores de Visat ([leia aqui](#)).

Os crimes retratados são o "Incêndio do Gran Circus Norte-Americano em Niterói/RJ em 17/12/1961", o "Desabamento do Parque de Exposição da Gameleira/Belo Horizonte/MG em 04/02/1971", "A queda do Elevado Paulo de Frontin/RJ em 20/11/1971" e o crime contra os "Os [trabalhadores] concretados na Ponte Rio-Niterói (1968-1974)".

A seleção dos crimes balizou-se na memória e a ordem de publicação pelo mais antigo. Através de pesquisas na internet, localizou-se reportagens e outras fontes efetuando-se uma descrição sucinta da ocorrência acerca de: procedimentos negligenciados que a propiciaram; vítimas (tipificação e quantitativo de feridos, mortos, desaparecidos, lesões, evolução, sequelas físicas e sociais); inventário breve da legislação pertinente; processos de investigação (identificação de causas, ocorrências progressivas similares, responsabilidades civis e sociais, dentre outras); adoção de medidas preventivas pós-fato; e garantia, protelamento ou negação de direitos (assistência às vítimas e familiares, reparação de danos etc). Na releitura, a perspectiva no tempo acerca das turbulências políticas, retrocesso de direitos, obscurantismo cultural e científico, negacionismo de riscos, dentre outros, permitiram identificar razões históricas dos crimes enraizadas na sociedade brasileira que tolera e promove compadrios entre as elites e conluios entre poderes.

Sociedade que negligencia saberes e 'poupa palitos' na segurança dos trabalhadores que concretizam o "pra frente Brasil" na labuta, no futebol, na canção e na economia, ontem, hoje... e sempre...

O ponto de corte cronológico no incêndio do "Gran Circus Norte-Americano em Niterói" (em 17/12/1961) emergiu do imaginário da geração dos 1940/50 tatuado pelo fogo do (até então) maior genocídio brasileiro (503 mortos, entre centenas de feridos, na maioria crianças) prestes a completar 60 anos (Vasconcellos *et al.*, 2021, p.218).

Com 3.000 espectadores, os números e imagens do incêndio acompanharam a 'grandiosidade' do "Gran Circus": campo de futebol transformado em carpintaria para produzir caixões, em sua maioria pequenos; panos brancos para cobrir os corpos doados pelo povo, centenas de sapatos de homens, mulheres e da meninada espalhados no picadeiro que não chegou a encenar a esperada alegria...

Relatos de testemunhas, indícios e histórico de incêndio de outros dois circos do proprietário Stevanovich levam à hipótese de negligência com as instalações elétricas, inexistência de saída de emergência e extintores de incêndio e uso de parafina na cobertura da lona.

Mas a investigação oficial concluiu se tratar de incêndio criminoso e a 'culpa' (adivinhem?) recaiu no trabalhador avulso "Dequinha" ("epilético de baixo nível intelectual"). Em 04/02/1971 o crime foi contra os operários da construção do "Parque da Gameleira" em Belo Horizonte (MG), cuja previsão do desabamento foi ignorada pelo Governador Israel Pinheiro, visto a premência em ver sua assinatura na realização, tornando-o culpado pelo assassinato de 69 trabalhadores e mais de 100 feridos, muitos mutilados. O lamentável ranking de até então maior acidente de trabalho brasileiro foi superado pelo recente crime de Brumadinho (25/01/2019) com 270 mortes confirmadas e 11 desaparecidos). Manter viva a memória destes crimes contra os direitos humanos é também lutar para que os 50 anos de demandas judiciais pelos acidentes de trabalho do "Gameleira" não se repitam.

No final da manhã de 20/11/1971, a queda do Elevado Paulo de Frontin/Rio de Janeiro soterrou "48 pessoas, 29 mortas, 19 feridas gravemente com algumas amputações no local, e outras dezenas atingidas em menor gravidade" paradas no sinal do cruzamento entre a Haddock Lobo e a Avenida Paulo de Frontin (Tijuca/RJ) nos 22 carros, um caminhão e um ônibus da Linha 415/Usina-Leblon.

Laudos periciais apontaram algumas hipóteses de falhas técnicas. O Engº Sérgio Marques de Souza - presidente da Construtora Sobrenco (contratada pelo Estado) - foi condenado à reclusão mas não a cumpriu devido a efeito suspensivo. Disputas técnicas, políticas, cifras, prazos, atrasos e determinações do ditador Médici envolvendo a Ponte Rio-Niterói parecem ter contribuído nas questões que envolveram a queda do Elevado que seria inaugurado em 1974. As vítimas e familiares começaram a receber indenizações em 1977. O Pasquim - periódico da imprensa alternativa - foi importante fonte de consulta para o crime do Elevado Paulo de Frontin que "não passou despercebido por aqueles jornalistas geniais e corajosos na trincheira de luta pela democracia. É preciso estar atento, o Brasil vive hoje tempos semelhantes..." ([veja](#))

A construção da Ponte Rio-Niterói (1968-1974) - "obra do século" e do "milagre econômico" - concretou um número desconhecido de trabalhadores, muito mais do que os 33 mortos "oficiais" e os 72 da imprensa. "Para este crime inominável temos a Baía de Guanabara como testemunha.... Quantos dos 10 mil operários que ali suportaram condições desumanas de trabalho sobraram sob o tacão da ditadura?" ■■■

72 mortos

Dados oficiais contabilizaram 33 mortos durante a construção da ponte, mas levantamento da imprensa chegou a 72 vítimas. O acidente com maior repercussão aconteceu em 24 de maio de 1970, quando três engenheiros e cinco operários morreram durante um teste de carga.



Foto: Arquivo/Rodolpho Manhães (12-01-1971)

*O mecânico observou, certo dia, que siris subiam aos montes no casco de uma grande embarcação que carregava brita e areia. Preso abaixo dela, estava um cadáver em decomposição há mais de cinco dias. Segundo a suposição da época, um "peão", epilético, teria tido uma convulsão e caído na água.*

*Esquecido, ficou no local.*

<https://infograficos.oglobo.globo.com/pais/ponte-rio-niteroi.html?mobi=1>

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.